



A Tradição Apostólica e sua relação com a Sagrada Escritura

74-83

I. INTRODUÇÃO

Os parágrafos 74-83 do Catecismo da Igreja Católica expõem o tema da transmissão da revelação. Conforme já estudamos anteriormente, pela revelação, Deus vem ao encontro do ser humano para convidá-lo à salvação. Ora, essa salvação não é oferecida somente aos Apóstolos e aos seus contemporâneos, mas também a todas as gerações que se seguiram até os dias de hoje. Assim a Igreja transmite a revelação incessantemente porque sabe que o desígnio de Deus é o de que todos sejam salvos por Cristo no Espírito Santo. A transmissão da revelação está ligada a realização da intenção que Deus tem de introduzir todos os seres humanos na comunidade dos filhos adotivos e na comunhão divina.

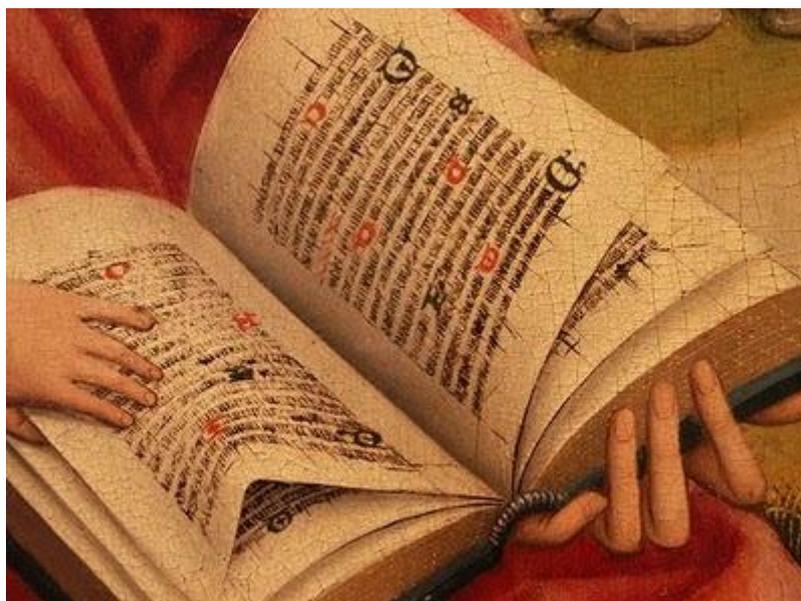
II. Texto 74-83

CAPÍTULO SEGUNDO

DEUS VEM AO ENCONTRO DO HOMEM

ARTIGO 2

A TRANSMISSÃO DA REVELAÇÃO DIVINA



74. Deus «quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4), quer dizer, de Cristo Jesus. Por isso, é preciso que Cristo seja anunciado a todos os povos e a todos os homens, e que, assim a Revelação chegue aos confins do mundo:

Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos (DV 7).



I. A Tradição apostólica

75. «Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma, tendo cumprido e promulgado pessoalmente o Evangelho antes prometido pelos profetas, mandou aos Apóstolos que o pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, comunicando-lhes assim os dons divinos» (DV 7).

A PREGAÇÃO APOSTÓLICA ...

76. A transmissão do Evangelho, segundo a ordem do Senhor, fez-se de duas maneiras:

- *oralmente*, «pelos Apóstolos, que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, convivência e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo»;
- *por escrito*, «por aqueles apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação» (DV 7).

... CONTINUADA NA SUCESSÃO APOSTÓLICA

77. «Para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os bispos como seus sucessores, “entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério”» (DV 7). Com efeito, «a pregação apostólica, que se exprime de modo especial nos livros inspirados, devia conservar-se, por uma sucessão ininterrupta, até à consumação dos tempos» (DV 8).

78. Esta transmissão viva, realizada no Espírito Santo, denomina-se Tradição, enquanto distinta da Sagrada Escritura, embora estreitamente a ela ligada. Pela Tradição, «a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo em que acredita» (DV 8). «Afirmações dos santos Padres testemunham a presença vivificadora desta Tradição, cujas riquezas entram na prática e na vida da Igreja crente e orante» (DV 8).

79. Assim, a comunicação que o Pai fez de Si próprio, pelo seu Verbo, no Espírito Santo, continua presente e ativa na Igreja: «Deus, que outrora falou, dialoga sem interrupção com a esposa do seu amado Filho; e o Espírito Santo – por quem ressoa a voz do Evangelho na Igreja, e, pela Igreja, no mundo – introduz os crentes na verdade plena e faz com que a palavra de Cristo neles habite em toda a sua riqueza» (DV 8).

II. A relação entre a Tradição e a Sagrada Escritura

UMA FONTE COMUM...

80. «A Tradição sagrada e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim» (DV9). Uma e outra tornam presente e fecundo na Igreja o mistério de Cristo, que prometeu estar com os seus, «sempre, até ao fim do mundo» (Mt 28, 20).

... DUAS FORMAS DE TRANSMISSÃO DISTINTAS

81. *A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito divino».*

«*A Sagrada Tradição, por sua vez, conserva a Palavra de Deus, confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, e transmite-a integralmente aos seus sucessores, para que eles, com a luz do Espírito da verdade, fielmente a conservem, exponham e difundam na sua pregação» (DV 9).*

82. Daí resulta que a Igreja, a quem está confiada a transmissão e interpretação da Revelação, «não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência» (DV 9).

TRADIÇÃO APOSTÓLICA E TRADIÇÕES ECLESIAIS

83. A Tradição de que falamos aqui é a que vem dos Apóstolos. Ela transmite o que estes receberam do ensino e do exemplo de Jesus e aprenderam pelo Espírito Santo. De facto, a primeira geração de cristãos não tinha ainda um Novo Testamento escrito, e o próprio Novo Testamento testemunha o processo da Tradição viva.

É preciso distinguir, desta Tradição, as «tradições» teológicas, disciplinares, litúrgicas ou devocionais, nascidas no decorrer do tempo nas Igrejas locais. Elas constituem formas particulares, sob as quais a grande Tradição recebe expressões adaptadas aos diversos lugares e às diferentes épocas. É à sua luz que estas podem ser mantidas, modificadas e até abandonadas, sob a direção do Magistério da Igreja.



III. Revisando temas

1. A Divina Tradição

Para que possamos entender de maneira adequada a Tradição Divina é preciso antes superar alguns mal-entendidos e preconceitos. Muitas vezes a palavra “tradição” evoca o tradicionalismo, o conservadorismo, o imobilismo. Em uma palavra, tradição parece se opor ao progresso.

Atenção ao termo!

Tradição: é o processo de transmitir (tradição como ato) ou de viver a herança transmitida (tradição como conteúdo). Mediante o Espírito Santo (o portador invisível da tradição), todo o Povo de Deus é envolvido na transmissão da autorevelação fundante de Deus através da memória, da experiência, da expressão e da interpretação da mesma autorevelação. Essa autorevelação atingiu a sua plenitude com Cristo e na comunidade do NT. “Assim a Igreja, na sua doutrina, na sua vida e no seu culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que é, tudo o que crê” (DV 8). Ao identificar e unir a Igreja, a Tradição assegura a continuidade às suas origens em vista do futuro. Dentro do Povo de Deus, os bispos e outros têm uma responsabilidade especial como agentes visíveis e intérpretes da tradição. As tradições particulares podem ser defeituosas para comunicar o Evangelho e podem até mesmo ter necessidade de reformas (cf. Mc 7,1-23; 10,2-12). Para os Orientais, tradição, expressa sobretudo no culto, é indispensável para compreender qualquer problema. A recepção da parte da Igreja indica se um novo desenvolvimento está em linha com a tradição.

a. O fenômeno humano da tradição

Essa concepção, porém, deve ser mudada em nossa cabeça. Tradição não se opõe ao progresso. O ser humano só pode caminhar e progredir, se receber as descobertas feitas pelas gerações anteriores e se as conservar para, aproveitando todo esse patrimônio recebido, lançar-se a novas descobertas, criações e conquistas. Nenhuma geração começa do zero. Se cada geração tivesse que recomeçar do início, não teríamos o progresso científico, tecnológico e cultural que temos: estaríamos ainda descobrindo o uso do fogo ou a roda. A tradição economiza ao ser humano do presente caminhos já percorridos pelos ancestrais e lhe permite avançar com maior segurança.

A tradição permite conservar hoje o que foi fruto do descobrimento do passado, estabelecendo um laço entre o passado, o presente e o futuro. A tradição liga o presente ao passado e ao futuro: ao passado porque o presente é a superação dele; e ao futuro porque o presente é a base para novos descobrimentos. Por ser “tradicional”, o ser humano transcende o presente apoiando-se no passado em vista do futuro.

Nem tudo do passado, porém, pode ser superado. Há casos em que se reconhece, no passado, pontos quase inatingíveis e de que o presente se alimenta: obras religiosas, filosóficas, de arte, etc.

A partir do que foi dito, fica claro que a tradição é própria dos seres humanos. Os animais irracionais não têm tradição. Ela só acontece entre as pessoas humanas. De fato, o ser humano só é de fato humano dentro de uma tradição (linguagem, cultura, sistema de valores). Como ser social, ele só pode viver dentro de uma tradição cultural, que é como o húmus alimentador da convivência humana. A convivência entre as pessoas cria as tradições, e as tradições tecem-lhe o quadro de referência necessário para as relações humanas. Por causa da tradição, o homem cria a história e, ao mesmo tempo, é condicionado por ela.

Tradição, portanto, não se restringe à conservação nem se confunde com arcaísmo ou o apego medroso às tradições herdadas. A tradição está mais ligada ao ato de transmitir do que ao de conservar. Pela tradição transmitimos às gerações sucessivas a vida que nós próprios herdamos dos antepassados. A tradição é um ato vital: viver humanamente significa receber e transmitir. Transmitimos aos outros não somente os genes, mas também a cultura, os valores, as descobertas, a forma de convivência, as instituições, etc. A própria vida humana é uma contínua transmissão de si mesma ao longo das gerações. Assim o que se transmite não são coisas, mas a vida.

b. Tradição Apostólica

Quando falamos de Tradição apostólica, portanto, é preciso levar em conta tudo isso. Mas é preciso acrescentar (um acréscimo não desprezível!) que o patrimônio transmitido, recebido, conservado e novamente transmitido é constituído pela própria Revelação divina. No campo da revelação cristã, o que se transmite é o Evangelho vivo, a própria Vida divina. Assim a transmissão da Revelação comunica o que é necessário para a vida santa e eterna, para uma fé viva e vivificante.

Como transmissora da revelação, a Igreja se torna também ela uma realidade viva e vivificante: a Igreja sustenta a Tradição. Ao mesmo tempo, por causa da força dinâmica da Tradição, a Igreja toda está viva: a Igreja é mantida pela Tradição.

A Tradição apostólica tem sua origem na pregação e obra de Jesus (cf. Mt 5,21-22): Ele deu início a uma nova lei e a uma nova vida (cf. Mc 10,5). Dele os Apóstolos receberam a missão de transmitir o que viram e ouviram: a Boa nova da Salvação. A Igreja dos Apóstolos obedeceu fielmente a esse mandato e transmitiu a mensagem de Jesus interpretando sua palavra e sua obra à luz do acontecimento da revelação, através da pregação oral e por escrito. Para garantir a continuidade da transmissão e para prevenir os erros possíveis, os Apóstolos encarregaram outros que se tornaram os seus sucessores.

A Tradição é um ato vital e não uma ação mecânica. Se a Tradição fosse mera transmissão material, bastaria uma boa fotocopadora (ou – para os mais atualizados – uma eficiente rede social na internet) para transmitir a Revelação. Mas o que os Apóstolos nos legaram não pode ser encerrado em documentos. Eles instituíram sucessores exatamente por causa da fecundidade da Revelação e para respeitar o dinamismo interno de progresso do depósito da fé. O Evangelho vivo só pode ser carregado por pessoas vivas e com a assistência do Espírito Santo. É Ele que escreve o Evangelho vivo no coração dos fiéis antes de inspirar a inscrição dele nos meios materiais. A Revelação vive na consciência dos Apóstolos, dos seus sucessores e de todos os fiéis.

Atenção ao termo!

Sucessão Apostólica: é a continuidade sem interrupção do essencial da fé e da prática entre a Igreja de hoje e a Igreja fundada por Jesus Cristo por meio dos apóstolos. Essa visibilidade é expressa ao chamar os bispos de sucessores dos apóstolos. Como sinal visível dessa sucessão e dessa união de cada bispo com os outros, os bispos consagrantes impõem as mãos sobre o eleito para a ordem episcopal.

A Tradição é o prolongamento vital e ativo por meio da doutrina, da vida e do culto daquilo que a Igreja é e daquilo que ela crê. Assim o sujeito corporativo e eclesial, animado pelo Espírito Santo, continua a sua recepção vital e a comunicação ulterior do dom apostólico original. Por isso a Tradição cria, a cada época, um contexto espiritual de natural afinidade com a Escritura, no qual os textos proféticos e apostólicos são lidos, compreendidos e vividos como Palavra de Deus que suscitam a fé.

c. As tradições eclesiais

A tradição eclesial é a forma como a Tradição apostólica prolonga sua vida e sua existência na Igreja em determinado lugar e tempo. A Tradição Apostólica só se torna presente sob a forma de tradições eclesiais (litúrgicas, teológicas, devocionais). Estas são as expressões concretas daquela.

Há continuidade entre Tradição Apostólica e tradição eclesial. Mas elas não se confundem nem são a mesma coisa, uma vez que a tradição eclesial é uma tradição continuadora, enquanto a Tradição divino-apostólica é constitutiva e original.

A Tradição apostólica é constitutiva e original porque faz parte do acontecimento definitivo da revelação e porque se insere no acontecimento de Cristo, uma vez que os Apóstolos são testemunhas diretas do Senhor. Assim a Tradição apostólica é fundadora e originante da tradição eclesial.

A tradição eclesial é um processo humano guiado e assistido pelo Espírito Santo.

Leitura complementar

Por que transmitimos a fé? Transmitimos a fé porque Jesus ordenou-nos: “Ide, fazei discípulos de todas as nações!” (Mt 28,19). Nenhum cristão autêntico deixa a transmissão da fé apenas ao cuidado dos especialistas (catequistas, párocos, missionários). Somos cristãos para os outros. Isso significa que cada cristão autêntico deseja que Deus chegue também aos outros. Ele diz para si mesmo: “O Senhor precisa de mim! Sou batizado, confirmado e responsável para que as pessoas à minha volta façam a experiência de Deus e cheguem ao conhecimento da Verdade” (1Tm 2,4). Madre Teresa utilizou uma boa metáfora: “É frequente observares fios elétricos ao longo da estrada. Se a corrente não passa por eles, não há luz. O fio é o que somos tu e eu. A corrente elétrica é Deus. Temos o poder de deixar passar através de nós e, assim, fornecer ao mundo a luz, que é Jesus, ou de recusarmos que Ele se sirva de nós, permitindo, com isso, que a escuridão se alastre (Youcat, 11).

2. A relação entre Escritura e Tradição

Embora o Verbo de Deus preceda e exceda a Sagrada Escritura, todavia, enquanto inspirada por Deus, esta contém a Palavra divina (cf. 2Tm 3,16) de modo totalmente singular. A Sagrada Escritura é Palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito de Deus.

A Palavra de Deus transmitida na e pela Igreja não existe em algum lugar abstrato, etéreo. Não é uma entidade que paira no ar, como fantasma ou espírito desencarnado, nem simples letra morta consignada em livros, mas como Palavra atual e viva na pregação, na administração dos sacramentos e na liturgia, no ensino da teologia, na missão e no testemunho da Igreja. Como o Verbo de Deus Se fez carne por obra do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, assim também a Sagrada Escritura nasce do seio da Igreja por obra do mesmo Espírito. Antes de ser “letra” gravada nos meios materiais, a Palavra de Deus está escrita no coração dos cristãos.

De fato, primeiro as Escrituras judaicas forneceram o espelho bíblico no qual e através do qual a comunidade dos Apóstolos interpretou a sua experiência de Jesus e o confessou como sendo o Cristo de Deus. Depois eles relataram essa experiência e a fé que ela iniciou nos escritos que se juntaram para formar o NT. Assim “a fé que nos vem dos Apóstolos”, nos vem através de um relato da Escritura. A Bíblia – especialmente o NT – atesta e torna presente para nós a experiência, a fé e a pregação da Igreja Apostólica. A Bíblia é o livro pelo qual a fé apostólica chega até nós. Entre fé apostólica e Palavra de Deus há distinção sem separação, mas há também unidade sem confusão. Assim um teste de qualidade da nossa fé (como atualmente a professamos e a vivemos) é possível: confrontando a nossa fé com a Bíblia, podemos averiguar se nossa fé está ou não em continuidade com a fé dos Apóstolos.

Os cristãos vivem a sua fé na história; na terra, não no céu. Como a história, a vida cristã é dinâmica e muda constantemente. Em meio às constantes mudanças, as Escrituras são decisivas para testar a vida dos cristãos, para interpretar as suas experiências e para julgar as inovações propostas. Sendo o texto imutável, a Bíblia permanece um ponto de referência estável para averiguar as mudanças e as inovações. A Bíblia fornece para os cristãos um espelho e um teste de sua auto identidade. Ser fiel às Escrituras significa ser fiel à identidade original apostólica. A vida e prática cristã devem se basear na Bíblia. Ela é o registro público, permanente, inspirado e normativo do DNA cristão.

Por outro lado, sabemos por experiência que apelar para a Bíblia como critério supremo de fidelidade à Palavra de Deus não resolve tudo. Pelo contrário, o abuso que atualmente se faz da Bíblia revela que, em muitos casos, ela pode ser manipulada por uma exegese arbitrária para justificar fins pouco evangélicos. Como podemos saber se uma interpretação da Bíblia é realmente guiada pelo Espírito Santo?

Uma vez que a Bíblia não se interpreta a si mesma, temos necessidade de um “comentário” confiável. E não basta qualquer comentário bíblico; é preciso um comentário que, também ele, seja guiado pelo Espírito Santo. Ora tal comentário indispensável sobre as Escrituras é exatamente a transmissão viva da fé da Igreja que nós designamos com o termo “Tradição”. A tradição é esse comentário bíblico espiritual (guiado pelo Espírito) necessário que nos ajuda a discernir entre a interpretação autêntica das manipulações e abusos.

Como já você estudou mais acima, Tradição não é arcaísmo, mera conservação de tradições antigas e envelhecidas. Tradição é primeiramente e fundamentalmente a transmissão viva da Palavra de Deus. É o processo vivo e vivificante de transmitir (tradição como ato); e é também a vivência concreta da herança transmitida (tradição como conteúdo).

Ao falar de tradição, reconhecemos que, mediante o Espírito Santo (o **portador invisível** da tradição), todo o Povo de Deus é **envolvido** na transmissão da

autorevelação fundante de Deus através da memória, da experiência, da expressão e da interpretação da mesma.

Leitura complementar

Tradição e Escritura na *Verbum Domini*

17. Reafirmando o vínculo profundo entre o Espírito Santo e a Palavra de Deus, lançamos também as bases para compreender o sentido e o valor decisivo da Tradição viva e das Sagradas Escrituras na Igreja. De fato, uma vez que Deus “amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único” (Jo 3,16), a Palavra divina, pronunciada no tempo, deu-Se e “entregou-Se” à Igreja definitivamente para que o anúncio da salvação possa ser eficazmente comunicado em todos os tempos e lugares. Como nos recorda a Constituição dogmática *Dei Verbum*, o próprio Jesus Cristo “mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação” (DV 7).

Além disso, o Concílio Vaticano II recorda que esta Tradição de origem apostólica é realidade viva e dinâmica: ela “progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo”; não no sentido de mudar na sua verdade, que é perene, mas “progride a percepção tanto das coisas como das palavras transmitidas”, com a contemplação e o estudo, com a inteligência dada por uma experiência espiritual mais profunda, e por meio da “pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade” (DV 8).

A Tradição viva é essencial para que a Igreja, no tempo, possa crescer na compreensão da verdade revelada nas Escrituras; de fato, “mediante a mesma Tradição, conhece a Igreja o cânon inteiro dos livros sagrados, e a própria Sagrada Escritura entende-se nela mais profundamente e torna-se incessantemente operante” (DV 8). Em última análise, é a Tradição viva da Igreja que nos faz compreender adequadamente a Sagrada Escritura como Palavra de Deus. Embora o Verbo de Deus preceda e exceda a Sagrada Escritura, todavia, enquanto inspirada por Deus, esta contém a Palavra divina (cf. 2Tm 3,16) “de modo totalmente singular” (*Propositio* 3).

18. Disto conclui-se como é importante que o Povo de Deus seja educado e formado claramente para se abeirar das Sagradas Escrituras na sua relação com a Tradição viva da Igreja, reconhecendo nelas a própria Palavra de Deus. É muito importante, do ponto de vista da vida espiritual, fazer crescer esta atitude nos fiéis. A este respeito pode ajudar a recordação de uma analogia desenvolvida pelos Padres da Igreja entre o Verbo de Deus que se faz “carne” e a Palavra que se faz “livro” (cf. *Mensagem final* II,5). A Constituição dogmática *Dei Verbum*, ao recolher esta tradição antiga segundo a qual “o corpo do Filho é a Escritura que nos foi transmitida” – como afirma Santo Ambrósio (*Expositio Evangelii secundum Lucam* 6,33: PL 15,1677) –, declara: “As palavras de Deus, com efeito, expressas por línguas humanas, tornaram-se intimamente semelhantes à linguagem humana, como outrora o Verbo do eterno Pai se assemelhou aos homens tomando a carne da fraqueza humana” (DV 13). Vista assim, a Sagrada Escritura, apesar da multiplicidade das suas formas e conteúdos, aparece-nos como uma realidade unitária. De fato, “através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais

que uma só palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz (cf. Hb 1,1-3)” (*Catecismo da Igreja Católica*, 102), como claramente afirmava já Santo Agostinho: “Lembra-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados” (*Enarrationes in Psalmos*, 103,IV,1: *PL* 37,1378).

Em última análise, através da obra do Espírito Santo e sob a guia do Magistério, a Igreja transmite a todas as gerações aquilo que foi revelado em Cristo. A Igreja vive na certeza de que o seu Senhor, tendo falado outrora, não cessa de comunicar hoje a sua Palavra na Tradição viva da Igreja e na Sagrada Escritura. De fato, a Palavra de Deus dá-se a nós na Sagrada Escritura, enquanto testemunho inspirado da revelação, que, juntamente com a Tradição viva da Igreja, constitui a regra suprema da fé (DV 21).